

Santa Lúcia: pronta para o desenvolvimento

Até 1907 só alguns estabelecimentos comerciais ocupavam a área onde hoje se localiza Santa Lúcia. Não era possível uma expansão urbana por falta de acordo para a venda dos terrenos. Foi naquele ano que alguns fazendeiros se uniram e compraram a área de Dona Luciana Campos. Dividiram os lotes e ruas. Batizaram o local com o nome da ex-proprietária. Como não havia no calendário religioso o nome Luciana, optaram por Lúcia, Santa Lúcia.

Mas no início o desenvolvimento acontecia dentro das fazendas. A "cidade" frequentava as colônias, nas festas, comércio, jogos...

Santa Lúcia viveu, como a maioria das cidades da região nordeste de São Paulo, o ciclo virtuoso do café. Enfrentou sua decadência, buscou novos caminhos e se rendeu à cana-de-açúcar. O município chegou a ter uma usina dentro de uma antiga fazenda de café. Hoje a cidade é só fornecedora de matéria prima e mão de obra, uma verdadeira cidade dormitório.

Os áureos tempos ficaram na memória dos mais velhos e no objetivo dos mais novos. É assim que pensa o atual prefeito. Farmacêutico por formação está em seu segundo e, de acordo com ele, último mandato. Espera que até 2012 devolva para Santa Lúcia a capacidade de se desenvolver. Nos primeiros quatro anos diz que construiu o alicerce, afinal, para atrair investimentos o município precisa ter infra-estrutura a oferecer.

Com 8.100 moradores, sem nenhuma indústria ou empresa expressiva, Santa Lúcia praticamente não tem arrecadação própria, vive de repasses dos governos estadual e federal. Sem verba suficiente para estruturar a cidade, a administração local saiu em busca de recursos dos mais diversos fundos. Em 5 anos captou mais recursos do que nos últimos trinta. Os resultados começam a aparecer.

Apesar de coletar 100% do esgoto, a cidade trata apenas 20%. Com verbas do Programa Água Limpa, em novembro



Igreja matriz de Santa Lúcia, cuja santa protetora é Santa Luzia

de 2009, a cidade inaugurará sua estação e passará a ter 100% de esgoto tratado. O asfalto é deficiente nos bairros mais velhos. Nos mais novos é parte do projeto. Para cobrir esta deficiência já existe verba, só falta autorização para licitar. O Fehidro liberou verba para a construção do aterro em vala. O lixo de Santa Lúcia era 100% "exportado" para Araraquara. Em 12 meses será mais um problema do passado. A água, apesar de tratada, não era suficiente. Um novo reservatório resolveu o problema.

Aos poucos a cidade se credencia para buscar o desenvolvimento.

Mas nada terá resultado sem saúde e educação de qualidade. Estes gargalos estão resolvidos, por enquanto. A ampliação



do setor de saúde passou pela reforma da estrutura física das 3 unidades de saúde; pela contratação de mais profissionais, de todas as áreas; pela reestruturação da farmácia municipal; pela compra de novos equipamentos; e pela ampliação do número de ambulâncias, que eram 4 e agora são 8. Para o ano que vem uma equipe do Programa Saúde da Família será contratada e toda a rede será interligada por internet, da recepção dos postos aos consultórios.

A educação está mudando aos poucos. O material apostilado de uma rede de ensino está sendo gradativamente implantado. Até o 6º ano todos os alunos já usam o novo método. Os professores têm passado

por programas constantes de qualificação, e as 5 escolas foram reformadas. Nos períodos contrários às aulas vários projetos de esporte, cultura, reforço escolar e até de horta escola abrigam quase 1.000 jovens. Cursos de qualificação do Centro Paula Souza serão implantados a partir de 2010 para capacitar os trabalhadores da cidade. Hoje cursos pontuais como corte e costura, cabeleireiro e padaria são importantes geradores de renda. Depois de tudo pronto a cidade poderá crescer, diz o prefeito, será então hora de buscar verbas para casas populares e para a compra de terreno para o distrito industrial.

Santa Lúcia está recuperando o tempo perdido, mas sem perder a alegria. Quando a pergunta é como as pessoas se divertem na cidade, a resposta é uma só: com festa. Do calendário oficial de comemorações só não constam 2 meses festivos. Tem festa de tudo: Natal, Havaí, julhina, Independência... Muitas começam despretensiosamente, como a feira de animais. Alguns amigos, sendo um dono de bar e os outros criadores, fizeram a primeira exposição. Já são 31 anos da feira.

Mais uma festa vem por aí, a do desenvolvimento. Disposição e criatividade é o que não falta.



X Feacoop: "união que garante grandes negócios"

Para celebrar os 10 anos da FEACOOOP, Feira de Agronegócios Cooperativos, Cooperativa dos Cafeicultores e Citricultores de São Paulo, a Cooperativa escolheu como símbolo uma colméia, e como slogan "União que garante grandes negócios". Segundo a organização, uma alusão à importância do cooperativismo e seu fortalecimento, principalmente em tempos de grandes mudanças no cenário político, social e econômico.

A Feira já se tornou tradicional para a agropecuária regional e nacional, e acontece em um momento oportuno para o setor, no início do segundo semestre, quando o produtor se prepara para a próxima safra. A FEACOOOP, em Bebedouro, é promovida anualmente e está direcionada exclusivamente para fins comerciais. A ideia é que os agricultores associados adquiram insumos e máquinas com facilidades e vantagens exclusivas, principalmente para os negócios à vista e em curto prazo.

Neste ano cerca de 140 empresas fornecedoras de máquinas e implementos agrícolas, sementes, produtos veterinários e instituições financeiras montaram seus estandes na Feira. Na área de negócios os cooperados contaram com profissionais da cooperativa das divisões de insumos agrícolas, concessionárias de máquinas e imple-



O presidente da Feacoop, João Pedro Matta, ladeado pelo Secretário da Agricultura João de Almeida Sampaio e pelo presidente da Coopercitrus, Raul Huss de Almeida

mentos, além do apoio da equipe do departamento financeiro, que esteve à disposição dos produtores para agilizar as negociações. Mesmo em tempos de crise o produtor precisa continuar produzindo.

Shiro Nishimura, do Grupo Jacto, confirma o otimismo: "Foi um começo de ano muito difícil, com férias coletivas, turnos reduzidos e banco de horas para preservar os postos de trabalho. Agora parece que existe uma retomada no ar. Devemos terminar o ano sem perder muito", declarou. Segundo ele, a integração de todo o sistema é o segredo do sucesso da Feira, que é feita com seriedade por quem conhece as necessidades do setor.

Ninguém esperava grandes lançamentos, mas as empresas guardaram algumas cartas na manga. A Valtra, que tem na Coopercitrus sua maior concessionária, mostrou pela primeira vez a linha de tratores leves, a grande novidade da empresa no ano. Alexandre Vinicius de Assis, coordenador comercial da empresa, disse que a Feira

representou o marco da retomada do ano.

A X FEACOOOP recebeu aproximadamente 8 mil visitantes. O faturamento foi de R\$ 176 milhões, quase 10% menos que os R\$ 194 milhões de 2008, mas foi muito comemorado pelo presidente da Feira, João Pedro Matta: "Nem em nossas

melhores previsões poderíamos imaginar resultado tão surpreendente, justamente por este ser um ano de crise econômica mundial. Sem dúvida o valor está muito acima do esperado", completou.

Uma outra novidade colaborou com o resultado positivo, os preços praticados dentro do recinto da Feira também estavam disponíveis nas 34 filiais da Coopercitrus, nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. Assim, os cooperados puderam realizar suas negociações nas lojas de suas cidades.

A Feira é também um momento de integração com a comunidade. Cerca de 3.000 alunos da rede municipal de ensino de Bebedouro passaram pelo espaço cultural e conheceram um pouco do cooperativismo, seus ramos de atuação, valores e princípios. Ouviram palestras e visitaram a exposição "Cooperativismo, uma História Sempre Atual", da Ocesp, Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo. A FEACOOOP é a materialização dos valores cooperativistas.

Agronegócio é sustentabilidade. A oportunidade está dada

A relevância do papel desempenhado pelo agronegócio brasileiro junto à nova ordem mundial, a sustentabilidade, tem que ser valorizada em qualquer fórum de discussão, nacional ou internacional. Esta frase espelha e sintetiza as palestras, painéis e mesas redondas que aconteceram nos dois dias do 8º Congresso Brasileiro de Agribusiness.

O tema do Congresso neste ano abordou a realidade, a crise, mas foi além. Com foco no futuro e atenção no presente, não se ateve aos problemas do setor, velhos e bem conhecidos. Discuti as oportunidades que se abrem com a sustentabilidade, uma fonte de possíveis vantagens competitivas para o Brasil.

O presidente do Conselho de Administração da BMF&Bovespa, Armínio Fraga, teceu um pano de fundo sobre a crise. Segundo ele, foi a mais incrível desaceleração já vista na história. Ainda não acabou, e não há garantia de calma. É um padrão. Euforias precedem depressões financeiras.

... “sustentabilidade é um processo contínuo, e não pode se basear apenas em ações pontuais e conhecidas.

É preciso inovar e mudar velhos paradigmas.

Ela não se restringe à responsabilidade social, mas a contém, assim como todas as práticas de manejo ambiental e governança corporativa. Sustentabilidade envolve diferentes práticas empresariais, mas sempre atreladas ao compromisso com o diálogo, à transparência e ao processo de comunicação verdadeiro com os agentes envolvidos”.

Carlo Lovatelli

Neste cenário o Brasil é um país atraente, com capacidade de expansão puxada pelo seu diferencial, o agronegócio, mas com problemas crônicos: carga tributária elevada, gastos públicos excessivos, infra-estrutura sucateada e educação deficiente. Além dos antigos desafios,



Mesa redonda mediada pelo presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, com Kátia Abreu, da CNA, Armando Nogueira, da CNI e Alexandre Figliolino, do Banco Itaú BBA

mais uma responsabilidade, produzir de forma sustentável.

Três temas delicados para o setor abriram os debates: Marca, Imagem e Comunicação; Insegurança Jurídica; e Crédito, Renda e Competitividade. “É preciso não

ter medo de falar o óbvio”, disse Roberto Rodrigues ao discutir as questões chave para o agronegócio brasileiro. Ele descreveu eventos internacionais dos quais tem participado, onde acadêmicos, principalmente europeus, esperam que: “a agricultura produza cada vez mais e mais barato, porém, sem fazer uso de agroquímicos, sem usar muita água, nem lançar CO₂ na atmosfera, sem mudar o uso das terras e, preferencialmente, sem tirar os subsídios dos países ricos... Esta é a tal sustentabilidade apregoada lá fora”, completou.

Outra obviedade, segundo Rodrigues, é a perda de protagonismo dos organismos internacionais. Os países, em nome do livre arbítrio, agem cada vez mais por si e para si. Para ele é fundamental que o Brasil assumira seu papel de liderança global em agroenergia, uma vanguarda em

termos de sustentabilidade, mas é preciso antes fazer a “lição de casa”: ter políticas públicas adequadas e ações, por parte do setor privado, altamente positivas.

Para que isto aconteça duas condições são indispensáveis, ter o apoio da opinião pública e segurança jurídica para trabalhar. Para o consultor Denis Rosenfield existe no Brasil um processo de relativização da propriedade privada, que pode representar um entrave. Questões sociais são confundidas com questões fundiárias, sendo o agronegócio o alvo preferido de diversos grupos. “É por isso que a preocupação em informar a população, sem nenhum viés ideológico, deve estar entre as prioridades do agronegócio”, disse.

Outra grande questão discutida foi a ambiental. A presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, Kátia Abreu, lembrou no evento que é preciso legalizar a produção de alimentos no país, hoje ameaçada pela “incumprível” legislação ambiental brasileira. “Se não resolver a questão do Código Florestal não adianta ter crédito, infra-estrutura ou mercados”, enfatizou a senadora.

A busca por soluções foi discutida no painel de encerramento do Congresso, que reuniu o ex-embaixador Marcos Azambuja, o Ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Daniel Vargas, e o Governador do Mato Grosso, Blairo Maggi. A percepção de um “Brasil chegando lá” esbarra na agenda real de comércio, profetizou Azambuja. As exigências ambientais são legítimas e

vieram para ficar, disse. Jogar o jogo é a única solução, mas com o entendimento que o Brasil hoje “é mais para o mundo” e deve ter regras que se imponham, e não que sejam impostas.

Para o Ministro Daniel Vargas, o futuro do Brasil depende de um planejamento estratégico para a agricultura brasileira, assim como aconteceu para os setores de educação e transporte. O país deseja mais do que pode realizar, e as políticas não sobrevivem ao ciclo eleitoral. Por isto é importante planejar, principalmente agora que o agronegócio passa a ser tratado como prioridade. As diretrizes já estão prontas, segundo Vargas, entre elas, assegurar atributos empresariais para a agricultura familiar, não estimular ou valorizar o urbano em detrimento do rural, e fortalecer para consolidar a liderança brasileira na agricultura mundial. Iniciativas conjunturais de ordem física e institucionais estão listadas por sua pasta, entre elas os gargalos da logística, a regularização fundiária, a questão florestal, a organização da comercialização e a democratização dos instrumentos financeiros da produção. A apresentação foi música para os ouvidos dos presentes. É necessário saber como ela é ouvida por outros setores e pelo próprio governo.

Ficou patente que o Agronegócio Brasileiro está pronto para assumir seus desafios e transformar as ameaças da crise, e o desafio da sustentabilidade em oportunidades. Segundo Carlo Lovatelli, presidente da ABAG, o caminho está na convergência, na capacidade de agir com inteligência, estratégia e em conjunto: setor produtivo, governo, academia, ONGs, mídia e sociedade.

A oportunidade bate à porta, disse Lovatelli: é a Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQMC), que acontece em dezembro, em Copenhaga, na Dinamarca. “É hora de o Brasil assumir seu papel de protagonista na economia verde, aproveitando sua invejável condição de ter uma matriz energética limpa graças aos biocombustíveis e à energia hidrelétrica. É hora de mostrar neste foro mundial a relevância do agronegócio brasileiro, via agroenergia”, concluiu o presidente em seu discurso de encerramento do 8º CBA.



Carlo Lovatelli, Eduardo Diniz Junqueira, Mônica Bergamaschi e Luiz Carlos Corrêa Carvalho

Eduardo Diniz Junqueira Personalidade do Agronegócio 2009

O Prêmio Personalidade do Agronegócio foi criado em 2004 para homenagear homens e mulheres que fizeram e fazem de suas vidas bandeira pelo desenvolvimento, progresso e futuro do agronegócio brasileiro.

“Uma vida pelo desenvolvimento”, foi o tema da homenagem a Eduardo Diniz Junqueira, 83 anos, que tem uma história de 65 anos voltada à lida da terra e à união de pessoas em torno do ideal da valorização do agronegócio.

Ele foi testemunha e agente do crescimento, da modernização do maior setor da economia e participou dos mais importantes momentos da história da agricultura e da agroindústria nacional. Viu, ainda criança, o sertão sendo aberto para dar lugar à agricultura e a muitas cidades. Participou dos diversos ciclos agropecuários do interior de São Paulo: café, arroz, algodão, braquiária, soja e cana-de-açúcar. Acreditou nas potencialidades do cerrado. Em suas palavras “terra que ninguém queria”. Viu o calcário desabrochar o pobre solo da região de Orlândia e do centro-oeste brasileiro, hoje importantes pólos de produção agrícola.

Realizou para si e para a comunidade. Foi um dos fundadores da

Carol, uma das cooperativas mais importantes do Brasil. Ajudou a construir a primeira usina planejada de açúcar e álcool, a Vale do Rosário, com um diferencial, era uma usina de produtores, que chegou a ter mais de 100 sócios. Ajudou a fundar e presidiu diversas entidades como a Sopral, o AIAA (Associação das Indústrias do Açúcar e do Alcool do Estado de São Paulo), que deu origem à UNICA. Presidiu ainda a Brasil Álcool e foi um dos idealizadores e batalhadores do Proálcool. Eduardo Junqueira foi um dos fundadores da ABAG/RP, onde exerce o cargo de Presidente do Conselho Diretor.

Ativo, não se vangloria do passado. Continua trabalhando pelo futuro da atividade. Sua experiência o faz enxergar tanto as potencialidades do agronegócio brasileiro, quanto suas dificuldades e desafios. Como defensor da modernidade sempre buscou inovações tecnológicas, sem esquecer dos valores mais caros aos homens. O que passou não passou, deixa lições. Por isso Senhor Eduardo Diniz Junqueira faz questão de continuar trabalhando e ensinando um pouco de sua vivência e sagacidade. Saber entender o passado é construir um futuro melhor.